
A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE HOMOSSOCIABILIDADES NO ROMANCE “EM NOME DO DESEJO” DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN¹

SOCIAL CONSTRUCTION OF HOMOSOCIABILITIES IN THE NOVEL “EM
NOME DO DESEJO” BY JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

LA CONSTRUCCIÓN SOCIAL DE HOMOSOCIABILIDADES EM LA OBRA “EM
NOME DO DESEJO” DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

Tales Flores da Fonseca²

DOI: 10.5935/2358-3541.2023 e126364-pt

Resumo

O presente artigo objetiva apreender a construção de homossociabilidades como práticas de si no romance *Em nome do desejo* (1983). Visamos tratar como a narrativa aborda a complexa tensão entre homossociabilidades como prática de exercício hermenêutico sobre si, expressando-se na amizade, no desejo e afeto entre os seminaristas. As vivências da carne experienciadas pelos seminaristas são ressignificadas pela ascese espiritual no contexto de subversão da doutrina cristã. Assim, o desejo pode ser apreendido como prática de si subversiva, onde o amor entre os personagens Tiquinho e Abel se notabiliza pela contradição inerente às homossociabilidades, isto é, pela manutenção da relação hierárquica de poder regulada pelas normas sociais e pela interação caracterizada pelo afeto, intimidade e amizade. Nesse sentido, as homossociabilidades no romance de Trevisan serão investigadas enquanto experiências que são colocadas em contradição ao compreender masculinidades em contextos hegemônicos e contra-hegemônicos.

Palavras-chave: Homossociabilidades; Desejo; Homoerotismo; Masculinidades.

Abstract

This article aims to apprehend the construction of homosociability as practices of the self in the novel *Em nome do desejo* (“In the Name of Desire”, 1983). Our goal is to address how the narrative addresses the complex tension between homosociability as a practice of hermeneutic exercise about oneself, which is expressed through friendship, desire and affection among seminarians. The experiences of the flesh encountered by seminarians are re-signified by spiritual asceticism in the context of subversion of Christian doctrine. Thus, desire can be apprehended as a subversive

¹ Parte do artigo é oriundo de reflexões desenvolvidas na dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas.

² Doutorando em Sociologia pelo PPGS/UFRGS.

practice in itself, where the love between the characters Tiquinho and Abel is notable for the contradiction inherent in homosociability, that is, for the maintenance of the hierarchical relationship of power regulated by social norms, and for the interaction characterized by affection, intimacy and friendship. In this sense, homosociability in Trevisan's novel will be investigated as experiences which are put in contradiction when understanding masculinities in hegemonic and counter-hegemonic contexts.

Keywords: Homosociabilities; Desire; Homoeroticism; Masculinities.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo aprehender la construcción de la homosociabilidad como prácticas del yo en la novela *Em nome do desejo* ("En el nombre del deseo", 1983). Nuestro objetivo es abordar cómo la narrativa aborda la compleja tensión entre la homosociabilidad como práctica de ejercicio hermenéutico sobre uno mismo, expresándose en la amistad, el deseo y el cariño entre los seminaristas. Las experiencias de la carne vividas por los seminaristas son resignificadas por el ascetismo espiritual en el contexto de la subversión de la doctrina cristiana. Así, el deseo puede ser aprehendido como una práctica subversiva en sí misma, donde el amor entre los personajes Tiquinho y Abel se destaca por la contradicción inherente a la homosociabilidad, o sea, por el mantenimiento de la relación jerárquica de poder regulada por normas sociales y por la interacción caracterizada por el afecto, la intimidad y la amistad. En este sentido, se investigará la homosociabilidad en la novela de Trevisan como experiencias en las que se contradicen a la hora de comprender las masculinidades en contextos hegemónicos y contrahegemónicos.

Palabras clave: Homosociabilidades; Desejo; Homoerotismo; Masculinidades.

INTRODUÇÃO

O romance *Em nome do desejo*³ é uma obra ficcional de fundo autobiográfico, cujo enredo é protagonizado pela relação de amor-paixão carnal entre os personagens Tiquinho e Abel. Voltada especialmente para o personagem-narrador Tiquinho, que retorna ao seminário de padres onde passou sua infância e reconstrói toda a dinâmica na vida de seminarista. O romance é caracterizado pela relação de amor-paixão entre meninos, de modo a configurar uma resignificação da vivência da carne não como pecado, mas como pertencente à ascese espiritual. A relação de Tiquinho no interior do seminário é entendida como uma forma de expressão do desejo que não se configura de maneira abstrata; não se trata de uma força interna

³Obra publicada originariamente em 1983, no entanto, utilizaremos uma reedição de 2001, onde partirão as referências ao longo do texto.

que se materializa em oposição às normas, mas de um desejo que se constitui dentro dos limites da disciplina religiosa.

Leal (2002), citado por Cruz (2007), afirma que o romance *Em nome do desejo* é o trabalho de Trevisan que busca dar voz à experiência homoerótica sem romper com o cristianismo, pois se utiliza dessa perspectiva como “parte desse ideário para autorizar e legitimar o amor entre os do mesmo sexo” (LEAL *apud* CRUZ, 2007, p. 52). Segundo Cruz, na narrativa há uma prevalência do que chamou de “ser apaixonado em detrimento do homossexual” (CRUZ, 2017, p. 52), pois o romance confere uma subjetividade que extrapola as políticas de identidade. Para o autor citado por Cruz, o fato de haver esses dois personagens submetidos às repreensões da disciplina cristã acaba por revelar algo que se caracterizaria enquanto estratégia de subversão.

Ainda na seara da literatura subversiva, Silviano Santiago, no ensaio “Prosa literária atual no Brasil”, presente no livro *Nas malhas da letra* (1984), destaca a produção literária brasileira ao longo das décadas de 70 e 80 no contexto nacional marcado pela influência do período de crise política e social pelo qual o país passava. Ao tratar de obras, o autor associa questões literárias a políticas e sociais. Santiago aponta a existência de relatos autobiográficos ficcionais que ganharam relevância diante do cenário do país. Dentre elas, o autor destaca o romance de Trevisan, que havia sido publicado no ano anterior ao da publicação de seu livro. Assim, segundo o autor, *Em nome do desejo* representa uma importante produção ao dar voz a uma subjetividade ameaçada pelas diversas formas de autoritarismo representados pelo poder político.

Nesse sentido, o objetivo consiste em propor uma reflexão sobre o romance de Trevisan no sentido de compreender como a relação homoerótica entre meninos, caracterizada pela cumplicidade, amizade e desejo, contribuíram para pensar a construção de homossociabilidades como práticas de si. Desta forma, as homossociabilidades constituem, no romance, como que uma demonstração, através do amor expresso entre os personagens, de um exercício de resistência às normas sociais reguladoras, da mesma forma que um exercício hermenêutico sobre si plasmado no desejo. Portanto, pretendemos apreender o romance enquanto narrativa em que a experiência de homossociabilidades constituem-se como práticas de produção de subjetividade, onde os laços hierárquicos masculinos podem ser compreendidos tanto pela manutenção de relações hierárquicas de poder quanto por sociabilidades baseadas na proximidade emocional, intimidade e amizade. Assim, as

homossociabilidades serão analisadas enquanto experiências que são postas em contradição às interações masculinas em contextos hegemônicos e contrahegemônicos.

A CONSTRUÇÃO DE HOMOSSOCIABILIDADES NA NARRATIVA DE TREVISAN

O capítulo intitulado “A rapsódia húngara e as paixões correlatas” inicia com uma indagação sobre a “Rapsódia Húngara Número 2” de Franz Listz e o que ela significava para Tiquinho; isto é, de que forma a paixão pela composição se expressa numa espécie de “inadequação pessoal” (TREVISAN, 2001, p. 57). Devido ao fato de não haver vocalizações na *Rapsódia* de Franz Listz, era possível exprimir, portanto, os sentimentos mais profundos, aquilo que não era passível de ser traduzido, pois

traduziam de acordo com suas próprias experiências interiores e reescreviam à sua maneira as paixões que os autores tinham vertido na partitura. Esse fenômeno ocorria muito com Tiquinho, inclusive em relação à Rapsódia Húngara Número 2 (TREVISAN, 2001, p. 57).

As experiências de Tiquinho ocorrem no período de entrada no seminário, logo nos seus primeiros dias, naqueles momentos em que a música só era possível de ser ouvida em determinados horários. Durante esse período, no qual um de seus anjos, nem tão generoso, havia lhe ordenado que era proibido estar no seminário sem o uso de cuecas, é que Tiquinho havia percebido que já não era mais uma criança. Quando vestia, já na rouparia, a sua cueca e se dirigia para o lado de fora do seminário, sem saber se estava ou não transgredindo o regulamento, avistou um rapaz diante dele. Logo pensou, “que lindo. Como é lindo, repetiu. Ele é bonito, repensou, sem ainda se dar de conta que a insistência partia resolutamente da *carne embriagada*” (TREVISAN, 2001, p. 59). Piscou várias vezes, pois teve medo, piscou de ansiedade, pois a beleza do rapaz o aprisionava, indagando-se se “alguma coisa saiu errada comigo”.

Andando sozinho pelo seminário, Tiquinho questionava-se sobre a maioridade, o fato de andar de cuecas não o tornava aquilo o que acreditava ser, sentia muita paixão por meninos e homens. Nesse instante é que a *Rapsódia Húngara* de Listz conduzia Tiquinho a sua inadequação. Conforme Bataille (2014), era o momento de extenuação, de transbordamento, do excesso, no qual o vislumbrar daquele rapaz refletia o acesso ao universo da paixão. Foi assim, enturmando-se e diante desta

miríade de sensações, que Tiquinho procurou sobreviver no seminário, formando-se comunidades que se intitulavam “panelinhas” (TREVISAN, 2001, p. 61).

A panelinha em que Tiquinho se situava era mantida à base de uma espécie de sistema de autodefesa, em que havia uma relação de absoluta confiança e um vocabulário próprio. Um “pedaço” significava um menino bonito, “hora da bomba” significava uma palestra do reitor, “catilinária” dizia-se para as aulas de latim e “tratores” era uma forma de tratar os Maiores, enquanto os superiores eram os “superlativos”. A comida era a “lava” e sua qualidade de “a lavagem”. O “milagre de Lavoisier” era em memória à famosa lei de que nada se perde, tudo se transforma. Um grupo de seis meninos que juraram confiar um nos outros e, em virtude disso, compartilhar todos os seus segredos mais íntimos, incluídas também as suas paixões. Assim, todos foram classificados de “mariquinhas”.

Os “mariquinhas” possuíam duas características essenciais, isto é, não jogavam futebol e tomavam banho diariamente. Como não se jogava futebol todos os dias, mas sim a cada dois dias, os seminaristas apenas tomavam banho a cada dois dias; havia uma relação direta entre desempenho no futebol e o banho como necessidade. Tiravam-se, então, conclusões: mariquinha era aquele que usava talco, enquanto homem tinha que ter cheiro de “suor e porra” (TREVISAN, 2001, p. 61), significando que homem era aquele que, através do seu esperma, sustentava sua virilidade. Outras características definiam um “mariquinha”, tais como emitir “gritinhos” de surpresa durante uma partida de vôlei, detestar o jogo do garrafão e “gesticular de um jeito pouco esvoaçante” (TREVISAN, 2001, p. 62). Foi assim que o grupo de Tiquinho passou a ser conhecido como a “Passarada”, e daí que surgiram outros apelidos como “Tico-Tico”, “o Canário”, “o Tuim”, “Siriema” e “Pica-Pau”.

Esse fato os aproximava, de modo que eram completamente apaixonados um pelo outro e conseguiam manter certa cumplicidade que transbordava em um forte laço de amizade. Costumeiramente, seus assuntos giravam entre segredos entorno das paixões, às vezes passageiras ou devastadoras. Desta forma, “podia-se dizer que viviam crucificados entre o apelo de Deus e a beleza dos homens” (TREVISAN, 2001, p. 62). Assim, faziam concursos para escolher quem eram os Maiores, os mais bonitos; viviam também seus dramas por causa da castidade, ambições com relação à vida espiritual e o medo com relação ao pecado.

Hammarén e Johansson (2016), intentando para uma teoria da homossociabilidade, apontam para um aspecto específico em que é possível entender

as relações entre homens e sua expressão no gênero literário, isto é, a ideia de *bromance* (combinação das palavras *brother* e *romance*). Esse conceito não deve ser apreendido como um fechamento na relação entre homens e mulheres no que se refere à intimidade sexual, nem se refere à uma construção da identidade masculina pautada na hierarquia e competição (HAMMARÉN; JOHANSSON, 2016). O *bromance*, de fato, enfatiza o amor, amizade, intimidade na relação entre homens.

O conceito de *bromance* está inserido na discussão sobre a homossociabilidade, definida como laços sociais entre pessoas do mesmo sexo, que é costumeiramente utilizada em estudos sobre masculinidades, e sua definição se dá através da compreensão do mecanismo e da dinâmica social que mantém a ordem hegemônica. Por meio da distinção entre homossociabilidade vertical/hierárquica e horizontal, os autores buscam refletir sob um outro prisma a questão da sociabilidade entre homens, cuja reflexão será percebida na narrativa de Trevisan na forma de compreensão nas relações entre os meninos no seminário, na subversão da doutrina cristã através do desejo e do amor entre rapazes, manifesto na tensão entre experiência religiosa e erótica.

Citando a discussão acerca do desejo homosocial desenvolvida por Eve Sedgwick (1985), em um primeiro momento, não se deve apontar para um entendimento em que as relações de amizade, colaboração e intimidade entre homens visam manter a ordem de gênero estabelecida, fortificando o patriarcado. Através das relações entre homossociabilidade, homossexualidade e homofobia, é possível desenvolver uma investigação acerca das diferentes formas de desejo e intimidade entre homens

para trazer o “homosocial” de volta à órbita do “desejo”, do potencialmente erótico; então, é a hipótese de quebra de um *continuum* entre o homosocial e o homossexual – um *continuum* cuja visibilidade, para os homens em nossa sociedade, é interrompido radicalmente” (SEDGWICK, 1985, p. 1-2, tradução nossa).

Hammarén e Johansson (2016) sublinham o fato de que a masculinidade hegemônica não opera de maneira absoluta e fixa, mas apresenta fissuras conforme as transformações dos padrões sociais na sociedade em condições históricas determinadas, logo, os autores sublinham a impossibilidade de exercício desta hegemonia por meio de mecanismos de dominação ou de um poder total. Assim, a masculinidade hegemônica implica em relações de subordinação e marginalização,

tanto de masculinidades quanto de feminilidades. Existe, nesse aspecto, uma coerência entre o modo como os autores sustentam seu argumento em torno das reflexões sobre as relações de poder e resistência que operam em Foucault, isto é, se a homossexualidade é um contradiscurso que resiste à heterossexualidade normativa, ela, ao mesmo tempo, serve-lhe de suporte para estabelecimento dos mecanismos de regulação.⁴ Essa ambiguidade que os autores sublinham pode ser pensada, também, no âmbito da maneira como opera a masculinidade hegemônica.

Nesse mesmo sentido, Michael Kimmel (2016), seguindo a definição de Raewyn Connell, define que a masculinidade hegemônica pode ser a imagem de masculinidade daqueles que possuem o poder. Os homens, historicamente, vêm a exercer funções sociais dominantes; segundo o autor, a masculinidade tornou-se a linguagem comum em “avaliações psicológicas, em pesquisa sociológica, e em literatura de autoajuda e aconselhamento para ensinar os homens jovens a se tornarem ‘homens reais’” (KIMMEL, 2016, p. 19). Kimmel afirma que a conceituação hegemônica de masculinidade é de um homem *no poder, com o poder e de poder*, ou seja, ao homem forte, vencedor, capaz, confiável. A mesma definição de masculinidade que confere aos homens o poder de exercer sobre outros homens e sobre as mulheres.

Com o objetivo de reinterpretar o conceito de homossociabilidade, Hammarén e Johansson (2016) introduzem uma distinção entre homossociabilidade vertical/hierárquica e horizontal. Enquanto a homossociabilidade hierárquica está vinculada aos laços masculinos de forma a manter e defender o poder por meio da masculinidade hegemônica, a homossociabilidade horizontal pode ser entendida como relações entre homens baseada na proximidade emocional, intimidade e formas de amizade. Nesse sentido, por meio destes “tipos ideais”, os autores buscam entender as ambiguidades latentes das diferentes posições masculinas, apresentando as contradições que concernem a hegemonia masculina, podendo diferir os padrões de poder que caracterizam cada contexto.

Podemos observar que, na narrativa de Trevisan, os temores acerca do pecado experienciados pela “panelinha” apresentavam uma profunda relação com Deus e o desejo pelos Maiores; porém, o que significa a relação é o que poderíamos chamar

⁴ Sobre o debate da função ambígua da homossexualidade frente as normas sociais, remeto ao artigo “A sacralização da carne: a experiência mística e a erotização da norma no romance “Em nome do desejo” de João Silvério Trevisan” (FONSECA, 2021).

de certa cumplicidade que visava construir mecanismos de proteção. A maioria da panelinha era obcecada pela virtude da pureza, mas tinha uma imensa propensão ao pecado. Este ponto se torna tão sublime, talvez, pois, mesmo em momentos de elevada reflexão espiritual, a “Passarada” reconhecia que “a carne é mesmo fraca” (TREVISAN, 2001, p. 64).

A história de um dos melhores amigos de Tiquinho, “Canário”, narra bem este ponto, pois Canário amava um dos jogares de futebol dos Maiores, chamado de “Tora-Tora”, cujo apelido é em virtude das dimensões de seu membro sexual. E Canário, portanto, sentia uma enorme atração por. Em muitos momentos, Canário dizia a Tiquinho que havia pecado, pecado “por obra”, como chamavam, pois incessantemente Canário masturbava-se pensando no amado. Tiquinho, imediatamente, utilizava o exemplo do que Canário contara para o confessor para que se desfizesse a obra, Canário logo as quebrava e vivia temendo a danação eterna.

O sexo, o pecado, constituía o ponto central na vida de todos os seminaristas,

Que se gozava no céu?

— No céu, como pode imaginar, gozava-se da visão dos prediletos e da posse de todas as delícias, que na verdade não tinham limites. Incluíam-se aí a masturbação, as amizades (assim chamadas) particulares e outras formas menos comuns que estivessem ao alcance da mão, dos olhos e do pensamento. A comunidade inteira, e não apenas os mariquinhas, fervilhava no gozo. O sexo constituía o assunto mais corrente, mais saboroso e mais cochichado daqueles tempos (TREVISAN, 2001, p. 65).

Naqueles tempos, namorava-se muito, em todos os lugares do seminário, na sala de estudos, na capela, no refeitório, nas salas de aula, ocorria, inclusive, nos dormitórios, onde era mais perigoso. Namorava-se em todos os lugares, onde fosse possível. No entanto, o lugar principal era a bolaria, onde se realizavam os consertos das bolas de futebol. Como ficava localizada no porão, era possível tocar no seu predileto, podendo ocorrer algumas brincadeiras de mão, até chegar no momento, quando havia frequência menor, de apalpar o membro ou abaixar os calções. Era, então, na bolaria que se realizavam “concursos” como os peitos mais peludos ou as coxas mais grossas.

Poder-se-ia falar que o espaço envolvia uma espécie de encantamento atrelado à esfera do sagrado? Pode-se dizer que o campo de futebol oferecia esta mistura: ali, os seminaristas podiam compartilhar das mais variadas maneiras, no instante de flexibilidade das regras institucionais, em que todos os sentimentos ali podiam ser compartilhados, como os seus amores pelos maiores, onde podiam juntar as suas

panelinhas, podiam fofocar, rir, expor seus segredos mais íntimos. Poder-se-ia dizer que a ternura trocada entre os jovens seminaristas transbordava para o espaço do campo. Em consequência, eles o amavam porque se tratava de um espaço comunitário destinado à manifestação deste amor, este espaço onde Tiquinho viveria a intensidade desse sentimento, oscilando muito entre a compreensão de si mesmo e do outro.

Os meninos se utilizavam das mãos, dos olhos e do pensamento como forma de obtenção do gozo, assim como se relacionavam com o pinto, como demonstra o narrador, a relação “poderia ser considerada como crucial e ansiosa” (TREVISAN, 2001, p. 73). Não se podia ver os pintos às claras, ver um pinto em estado completamente rígido gerava uma sensação absolutamente deliciosa nos seminaristas. Aqueles meninos com uma maior sensibilidade guardavam ao longo de dias a imagem do pênis enrijecido. Tiquinho, um dos mais sensíveis, sentia um misto de terror e êxtase ao vislumbrar a imagem do pinto de outro colega. No entanto, havia casos em que as normas cristãs se impunham de tal forma sobre a atração dos seminaristas que os sufocava: “da mesma forma que o amor se mascarava, alguns garotos sentiam tanto temor pelo pênis alheio que poderia considerar como uma espécie de ‘paranoia fálica’” (TREVISAN, 2001, p. 73).

Tornava-se perceptível que a sexualidade era polivalente, apesar de, ambigualmente, impor-se sob a constante ira de Deus. De um lado, os sermões, as palestras do Reitor e dos Padres visavam observar e disseminar a pureza e a virtude como forma de ascender à vida outra. Por outro, deviam-se evitar todas as formas de exaltação do corpo, não se devia apegar-se muito aos outros, pois Deus se opunha às amizades egoístas. Segundo ele, devia-se manter contínua vigilância, com a mortificação de todos os sentidos (TREVISAN, 2001).

HOMOSSOCIABILIDADES COMO SUBVERSÃO DO DESEJO NA DOCTRINA CRISTÃ

As experiências místicas que Tiquinho percebia no interior do seminário envolviam uma profunda relação com a projeção de um amor irrefreável. Assim, ocorre a inserção do personagem Abel nesse universo de lembranças. Abel entra em um dia no princípio de agosto, quando Tiquinho cursava o terceiro ano ginasial. Tiquinho entra na vida de Abel no começo, no início de tudo, pois o personagem foi chamado

para conduzir um novato que recém chegara. Enquanto aguardava, olhando para chão, eis que surge aquela imagem retumbante que suscitaria um furacão de sentidos naquele momento. Abel era a imagem física que compreenderia uma espécie de Cristo “de olhos ligeiramente amendoados, cabelos muito negros, corpo ereto, feições bondosas e um vigoroso brilho no olhar” (TREVISAN, 2001, p. 141).

Abel era, para a vida de Tiquinho, alguém absolutamente importante, pois qualquer momento de tristeza fazia emergir em Tiquinho o instante da morte, o pressentimento de que houvesse a possibilidade de se separarem. Abel, no entanto, era alguém para quem as amizades cultivadas lhe traziam uma profunda alegria.

Porém, no meio da noite Tiquinho era tomado por uma intensa paixão, levantava-se, ia ao armário de Abel e embriagava-se com o cheiro de suas camisas. Além delas, Tiquinho gostava de cheirar as suas cuecas, especialmente as sujas, e cheirava principalmente os pontos onde havia manchas para poder afundar-se nos odores que expressam a languidez de sua paixão por Abel. Mas não apenas durante a noite, ao longo do dia, quando ocorriam os cortes de cabelo na enfermaria, Tiquinho buscava algum sinal de Abel, ficava na espreita para, em algum momento, pegar um tufo de cabelo de seu amado. Recolhia sua pele, especialmente quando os seminaristas faziam passeios na praia e após descascavam. Tiquinho ia exatamente ao local onde Abel havia passado, ajoelhava e recolhia tudo. A pele de Abel o recobria, permitia a Tiquinho deliciar-se com as inesgotáveis possibilidades que havia diante do amor quase cego. O amor que sentia se expressava de múltiplas formas, seja sonhando com Abel, entregando-lhe presentes anônimos ou usando seu calção para poder sentir o seu cheiro e seu suor.

Nesse ponto, retomamos o grau propiciado pela experiência mística, uma intensidade que transborda a esfera da sexualidade. Entretanto, seguindo o argumento de Georges Bataille (2014), existe a possibilidade de perceber como uma experiência que antecede a própria sexualidade, que pressupõe o desvelar do amor como uma alegria espiritual. A referência a Abel como a imagem física de Jesus permite tornar este ponto mais preciso, haja vista que, se o amor de Tiquinho é obsessivo, ele é a compreensão clara e nítida do amor irresistível que o acomete pelo gozo diante de Cristo enquanto produção subjetiva do desejo. Foucault (2016), neste aspecto insere o desejo, o desejo sexual, a sexualidade como pertencente ao regime de prazeres. Estando no centro das práticas de si cristãs, Foucault chama isso de ética cristã da carne.

Diferentemente dos estoicos (Sêneca ou Marco Aurélio), segundo Foucault, a questão do desejo e da sexualidade não foi entendida como experiência sob o prisma da concupiscência, mas antes da cólera, de uma espécie de *status* dos indivíduos e de suas relações de poder com os e sobre os outros. Existe, na experiência cristã, segundo Foucault, um novo elemento em que o desejo permite tornar possível se conhecer como sujeito do seu próprio sexo, não mais uma subjetivação da “*afrodisia*” grega e romana. E é especificamente nas tecnologias de si cristãs que o desejo propiciou pensar a “neutralização do ato e do corpo, do corpo e do prazer”. (FOUCAULT, 2016, p. 260).

Francisco Ortega (1999, p. 89), seguindo a argumentação de Foucault, afirma que o homem do desejo é a figura das “erupções de estilização”, possibilitado através do cristianismo, cujo caminho culminou no homem moderno. Ortega refere-se à experiência cristã da carne, que passará por uma constante inspeção de suas representações. Segundo Ortega, é possível vislumbrar em Agostinho uma interpretação de que o Adão e Eva não eram seres assexuados, identificando um novo ideal no homem a partir da localização da sexualidade no paraíso. Ortega argumenta que, em Agostinho, a sexualidade está entendida diante do desejo justamente pelo fato de que é apreendida diante do comportamento de Adão e Eva, oriundo de uma vontade oposta à de Deus, manifestada, então, na sexualidade como uma vontade rebelada.

Esse homem do desejo esboçado por Agostinho, segundo Ortega, é de um autoexame que a sua vontade possa ser expressa, passando constantemente por uma intensa hermenêutica de si. No entanto, a hermenêutica de si propiciada pela experiência mística revela outro aspecto do desejo, a sexualidade se torna mundana, não como uma representação de uma subversão da vontade de Deus, mas como um acesso, uma conciliação da própria imagem de Deus através do outro. Uma conciliação entre corpo e espírito opera no sentido de promover o desejo, de modo a tornar-se eminentemente sagrado.

No entanto, o que queremos dizer, seguindo a linha argumentativa apontada por Foucault, é que, entre a objetivação e subjetivação das técnicas de si, o desejo emergiu como uma espécie de “transcendental histórico”, capaz de inserir a questão do corpo, do prazer, do sujeito do desejo, podendo-se pensar, assim, a história da sexualidade. Logo, Foucault caracteriza o desejo enquanto princípio da objetivação/subjetivação dos atos sexuais como a condição de possibilidade,

notadamente histórica, da emergência moderna e contemporânea da experiência da sexualidade (ORTEGA, 1999, p. 260).

Queremos dizer, assim, que a experiência de Tiquinho, de um amor retumbante por Abel, não é obsessiva no sentido de algo que beira à conduta neurótica, como Bataille reclama, e com razão, de leituras psicanalíticas dos textos místicos. Mas que contém, dentro de uma irresistível alegria, um elemento místico que transforma a própria sexualidade, como o fator que liga a experiência humana com a transcendentalidade de Deus. Existe, neste domínio, uma clarificação que permite apreender que a experiência mística é tomada pelo desejo, o que transforma o caráter sagrado da sexualidade, e, dentro do âmago desta conciliação, o desejo é significado.

Esse desejo leva a uma potência de sentimentos que se manifestam de múltiplas maneiras no delírio de amor, seja pelo fato de Tiquinho percorrer todo o campo de futebol com uma vara para escrever o nome do seu amado, ABEL REBEL, ou, simplesmente pelas lágrimas. Lágrimas que não eram apenas de dor ou de felicidade, mas de amor, Tiquinho chorava por amor. O narrador fala em “disfunção espiritual”, mas nada mais do que o pleno vigor do que Bataille havia chamado de alegria espiritual, de pleno sentido da experiência espiritual. O conforto é encontrado por Tiquinho nas palavras de Santa Teresa D’Ávila, nos versos do Cântico dos Cânticos:

Beije-me o Senhor com beijos de sua boca, por que melhores são os seus amores do que o vinho! (TREVISAN, 2001, p. 155).

Ou em outra passagem dos Cânticos:

Filhas de Jerusalém,
Eu vos conjuro
Se encontrardes o meu amado
Que lhes direis?... Dizei
Que estou doente de amor! (TREVISAN, 2001, p. 155).

Mas o que representam essas passagens de Santa Teresa D’Ávila?

É onde ela defende o direito que a Alma enamorada tem de usar, em relação à Deus, as mesmas expressões dos amantes carnis, porque é possível que essa Alma passe por mortes, aflições, deleites, gozos junto com seu Esposo, depois de abandonar-se totalmente à ternura divina (TREVISAN, 2001, p. 155).

Temos, portanto, caminhos pelos quais o desejo percorre e transtorna Tiquinho, no sentido de poder expressar a sua paixão por Abel; notadamente, há dois: o mistério e a fúria. O mistério da santíssima Paixão e a fúria do desejo são os dois sentimentos que permeiam a relação entre Tiquinho e Abel. Começamos esquematicamente a abordar o significado do mistério da paixão.

O amor que Abel sentia por Tiquinho era real e o acometia de tal forma que fazia transbordar em forma de gozo incontável. Apesar do amor compartilhado, a sensibilidade de Abel parecia trilhar um caminho distinto e, conseqüentemente, a maneira como o expressava e a sua intensidade o diferiam do de Tiquinho. Não que fosse algo que não teria sido concreto, mas era algo mais “direto e cândido” (TREVISAN, 2001, p. 163). O amor que Tiquinho sentia por ele lhe permitiu acessar áreas até então desconhecidas. Pode ter sido esse amor uma forma de manifestar sua gratidão por este fato, e Abel descobre esse sentimento através das leituras dos diários de Tiquinho.

O que Abel descobre nos diários de Tiquinho é uma interpretação do mistério da Santíssima Trindade que explica, com os elementos da experiência mística, o significado sagrado do amor através de um poema de São João da Cruz:

Como o amado no amante,
Um no outro residia.
E tal amor que os une
No mesmo coincidia,
Pois um igualava o outro
Em intensidade e valia
Três pessoas e um amado
Entre todos os três havia,
Um só amor nelas todas
E um só amante as unia,
Em tão inefável nó
Que dizê-lo não se sabia.
Era portanto infinito
O amor que as fundia
E de ser tão uno o amor,
Tanto mais amor havia” (TREVISAN, 2001, p. 164-65).

A união de ambos, conforme o narrador, expressava a constituição da Santíssima Trindade, na qual Deus é unido pelo amor. Este único Deus habita em tudo, em Tiquinho e Abel. Dessa forma, Jesus é Deus, Jesus habita neles. Ambos são um, por Jesus estar presente junto ao seu amor, um amor que deverá perdurar por toda a eternidade. Tiquinho, no entanto, teve certeza do amor de Abel por ter acordado um dia sentindo alguém enrolado junto ao seu corpo debaixo dos lençóis, ambos se

abraçavam formando uma Santíssima Trindade. Tiquinho acumulava todos os sentimentos possíveis e sonhava realizar inúmeras coisas com Abel, inclusive se tornar vigário da paróquia até poder, em algum momento, casar-se com o seu amado. Tiquinho vivia em estado de graça por compartilhar esse amor, levitava, pensava ter encontrado o paraíso por poder amar Abel e saber que era amado por ele, reforçando o imaginário de um relacionamento socialmente proibido, porém ao qual é conferido sentido em virtude da experiência religiosa.

David Halperin, no artigo “How to do The history of male Homosexuality” (2000), mostrou, através de uma vasta pesquisa genealógica, outras formas da categorização da homossexualidade. Esta que viria a ser um efeito da modernidade, apresentava-se na sociedade ocidental desde a Antiguidade até a constituição da ordem heteronormativa. O autor demonstra todas as variações existentes em relação a essas categorias e a concepção moderna de homossexualidade. De acordo com Balieiro (2009), a importância de retomar tais categorias é compreensível no sentido de que elas exercem influência na ordem sexual contemporânea.

A primeira categoria trabalhada pelo autor é o efeminado. O efeminado difere do homossexual por não necessariamente manter relações sexuais com outro homem. Aqueles que se entregavam ao amor pelas mulheres ao invés de participar da guerra eram assim categorizados. A homosociabilidade era ensejada pelo fato de sempre estar com homens, pois nas elites militares da Europa, a masculinidade normativa era demarcada pelo controle do apetite, isto é, por um domínio amplo dos prazeres. No entanto, os efeminados estavam a par desse aspecto, pois se recusavam a submeter-se ao “sistema hierárquico marcado por atribuições de gênero rígidas” (BALIEIRO, 2009, p. 70).

A segunda categoria é a da pederastia ou sodomia “ativa”. Trata-se de quando um homem másculo tem relações sexuais com outro parceiro, porém posicionando-se como ativo e o parceiro como passivo. Essa categoria pressupõe a existência de um sistema de hierarquias, onde há quem penetra e quem é penetrado, ativo e passivo, masculinidade e feminilidade. O autor cita o caso da cidade de Florença, onde, no período entre 1432 e 1502, houve um grande número de indivíduos, na maioria homens, incriminados por sodomia. Balieiro destaca esse fato ao apresentar um questionamento sobre o “caráter natural da heterossexualidade ou que o desejo homoerótico seria uma questão de minorias sexuais” (BALIEIRO, 2009, p. 71) e

aponta algumas características que persistem, de uma certa forma, na contemporaneidade:

(1) a relação homo-orientada é entendida como uma escolha sexual consciente e não sintoma de uma involuntária natureza psicosssexual; (2) a escolha de um objeto sexual do mesmo sexo não funciona como uma de diferença, não diferencia homens de outros homens por causa da “sexualidade”; (3) a mesma escolha não coloca em xeque a masculinidade de um homem, não há nenhuma marca visível que caracteriza tal personagem [...]” (HALPERIN *apud* BALIEIRO, 2009, p. 72).

A terceira categoria abordada por Halperin é intitulada de amizade apaixonada, esta distingue-se do “erotismo hierárquico e do desejo homoerótico” (BALIEIRO, 2009, p. 72). Pode ser entendida como uma forma de relação discursiva em que há elementos igualitários, mútuos e recíprocos nas relações entre homens. Enquanto na sodomia “ativa” havia um *status* que demarcava a posição de cada sujeito, na amizade apaixonada os indivíduos gozam do mesmo *status* social, “normalmente elitizado, e o mesmo padrão de masculinidade” (BALIEIRO, 2009, p. 72). Além da característica de ser uma relação baseada na igualdade, há a importância da “homossociabilidade” (BALIEIRO, 2009, p. 72). Nesse sentido, Balieiro sublinha a proximidade entre pederastia e amizade apaixonada, pelo fato de ambas possuírem características masculinas e rejeitarem o que está relacionado ao feminino por meio da expressão da virilidade. Algo que não se observa na narrativa de Trevisan, pois as relações entre homens no seminário são marcadas por hierarquia e desigualdade.

A última categoria, inversão e passividade, que vem a ser definida como a masculinidade que sucumbe à feminilidade, uma condição, segundo Halperin, transgênero que se expressa através do modo de sentir, pela atração sexual por outros homens “masculinizados” e pela preferência pelo papel passivo. O que caracteriza essa identidade é o prazer obtido por meio da penetração. Nesse caso, há a imbricação da prática sexual passiva junto a um comportamento feminino, representando, assim, uma dimensão que se opõe à ou trai a masculinidade. De acordo com Halperin, a inversão está mais relacionada ao gênero, haja vista que se configura como uma grande traição dos “protocolos da masculinidade” (HALPERIN, 2000, p. 103).

No entanto, o invertido pode ser entendido como uma identidade desviante, alinhada à condição de uma vergonha. Nesse sentido, Balieiro argumenta que, já nos fins do século XIX, a inversão foi submetida à linguagem médica e passou a ser

atribuída como patologia, mais especificamente como “inversão sexual do instinto” (BALIEIRO, 2009, p. 74), conforme a definição do especialista italiano Arrigo Tamassia. Nesse caso, apenas os que desviam das normas de gênero eram considerados, os que seguiam os padrões não eram enquadrados como desviantes sexuais. Esse aspecto passa a mudar quando, de acordo com Balieiro, em meados do século XIX, mais especificamente em 1869, o termo homossexual é usado pelo “ativista Karl Maria Kertbeny através de panfletos publicados em Leipzig” (BALIEIRO, 2009, p. 75).

Essa categoria, incorporada ao saber médico, promoveu mudanças, dentre elas, diminuiu a importância das normas de gênero na maneira como se concebiam as relações sexuais. Independentemente da relação, todos eram categorizados como homossexuais, pois todas as identidades, que até então apresentavam diferenciação pelo alinhamento, seja ao gênero, seja à sexualidade, passam a ser consideradas desviantes em função dos desejos e prazeres sexuais de modo homogêneo.

Conforme Balieiro, esse dispositivo objetivou enfraquecer uma forma de relação entre homens pautada na amizade apaixonada, pois as amizades passaram a ser alvo de fiscalização e vigilância, diante da ameaça expressada pela homossexualidade. É nesse sentido que Sedgwick (1985) verificou que, ao longo do século XIX, esse controle heteronormativo da amizade masculina passa a ser associado à homosociabilidade e à dominação das mulheres. O controle exercido sobre amizades masculinas passou a ser chamado de homofobia. O estudo genealógico de Halperin aponta para uma compreensão mais ampla de todo um sistema de hierarquização e regulação de gênero que antecedeu e constitui a moderna regulação social da sexualidade, tomando como ponto de partida o binarismo hetero-homo para apreender como, posteriormente, os saberes irão homogeneizar esse entendimento de modo a estabelecer uma fronteira entre o patológico ou desviante.

Porém, por que recorremos ao estudo histórico de Halperin acerca da homossexualidade masculina para sustentar nosso argumento? Tiquinho e Abel gozam, de maneira pujante desse tipo de amizade, uma amizade que não pressupõe uma hierarquia, que gozam de mutualidade e compartilham o sentimento de paixão. A imagem de Abel como Cristo paira sobre a consciência de Tiquinho como a explosão e, ao mesmo tempo, a alegria de Jesus encarnado, tornado físico, em que é possível contemplar todo o seu amor. Todavia, é possível afirmar que o amor mútuo é tomado

por essa similaridade? Sim e não. Da mesma forma que Tiquinho e Abel se amam incondicionalmente, a ponto de viverem um pelo outro, de trocarem carícias e afetos, existia, porém, uma “falta” em Tiquinho, um sentimento que era impulsionado pelo sacrifício que se tornava amar intensamente seu jardineiro espanhol.

Dentre esses sacrifícios estava, por parte de Tiquinho, o esforço para se “tornar homem” perante a comunidade e, conseqüentemente, afastar a fama de “mariquinha”. E esta sugestão foi imposta por Abel; isto é, Tiquinho precisava afastar-se da passarada, o que, em nome do amor, aceitou sem titubear. Além de se afastar de seus amigos, como Canário, Tiquinho tomou a decisão de participar efetivamente dos esportes. Apesar das tentativas de jogar futebol, todas fracassadas, dedicou-se ao pingue-pongue e ao vôlei – um esporte, no entanto, associado aos mais delicados. “Por que a necessidade de se tornar homem tornou-se uma obsessão para Tiquinho?” Esta passagem sugere a intensidade tomada pela relação com Abel:

“Parece que a necessidade de “tornar-se homem” passou a ser uma obsessão em Tiquinho. Por quê?”

A necessidade tornou-se mais aguda apenas em função dos comentários gerais. A partir de certo momento, cresceu no interior do próprio Tiquinho uma inquietação antiga. Se há muito ele temia não ser homem como os outros, certas reações incontroláveis do seu corpo passaram a acentuar-lhe tal suspeita, em associação como o medo de pecar, evidentemente. É que Tiquinho vinha tendo ereções cada vez mais insistentes, diante de Abel. O fato tomou proporções tais que a simples lembrança do outro repercutia, como reação em cadeia, diretamente no meio de suas pernas, e Tiquinho foi sendo tomado por certo pavor específico. Além de começar a sentir violentas dores nas virilhas, graças a ereção quase priápica, um desejo agudo varava sua carne e instalava-se num determinado ponto de seu corpo que passou a manifestar insistente desejo pela presença fálica de Abel (TREVISAN, 2001, p. 179)

Uma atração da carne de Abel que o conduzia a uma fúria incessante do desejo, mesmo quando o Diretor espiritual do seminário orientou parar de procurar Abel, Tiquinho deixou de procurar orientação. A fúria do desejo se expressa, portanto, na maneira como fazia sentir um grande temor, ou seja, era poder amar Abel ou morrer, isso permitia questionar a natureza do amor que sentia por ele. Abel sentia um amor intenso, se masturbava pensando em Tiquinho, levando este a sentir ao mesmo tempo pavor e prazer. O amor que sentiam funcionava como supunha os cânticos de Santa Tereza, ou seja, era permeado por um retumbante desejo, algo extremamente pródigo e que impingia suas almas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Em nome do desejo* compõe a trajetória literária de João Silvério Trevisan. A narrativa de fundo autobiográfico trata da vida de meninos no interior do seminário, onde passam por todos os dilemas da relação com a castidade, a vida ascética, o pecado, a carne, as identificações com o semelhante, hierarquia e a disciplina. Buscamos abordar o romance de modo a apresentar uma releitura e crítica radical do desejo como forma de subversão da doutrina católica, no interior de um seminário religioso que remete à própria experiência escolar do autor, cujos ritos institucionais pareciam incorporados e complacentes com a iniciação sexual dos jovens seminaristas.

Dessa forma, a vida dos seminaristas é permeada pela disciplina, pela relação homoerótica entre meninos, plasmada pela amizade e masculinidades, cuja expressão se dá, no caso do protagonista do romance Tiquinho, através de uma profunda relação com a experiência mística, em especial pela proximidade com Santa Teresa D'Ávila e São João da Cruz, e pela carnalização da imagem de Cristo através do amor pelo personagem Abel. Assim, compreendemos que as relações entre amizade, masculinidade e o amor entre rapazes como prática de si se constituíram ao longo da narrativa em que as experiências dos personagens se expressam em circunstâncias ambíguas, como o controle rígido do cristianismo e o amor entre os personagens, logo, ao demonstrar a relação profundamente contraditória entre sexualidade e cristianismo por meio das homossociabilidades, o romance de Trevisan se caracteriza como exercício de hermenêutica ética sobre o cuidado de si e do outro.

REFERÊNCIAS

BALIEIRO, Fernando Figueiredo. **A pedagogia do sexo em *O Ateneu***: O dispositivo de sexualidade no internato da “fina flor da mocidade brasileira”. 2009. 126f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2009.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

CRUZ, Rosemário da Costa. **O risco à beira do abismo**: homoafetividade e crítica da cultura em João Silvério Trevisan. 2007. 207f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2007.

ISSN: 2358-3541

FONSECA, T. F. da. A sacralização da carne: a experiência mística e a erotização da norma no romance "Em nome do desejo", de João Silvério Trevisan. **Revista Contraponto**, v. 8, n. 1, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**. Curso do Collège de France (1980-1981). São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2016.

HALPERIN, David. How to do the history of male homosexuality. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies**, v. 6, n. 1, p. 87-123, 2000.

HAMMARÉN, Nils; JOHASSON, Thomas. **Homosociality**: in between power and intimacy. Gothenburg: Sage open, 2014.

KIMMEL, Michael Scott. Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção da identidade de gênero. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRN**, v. 3, n. 4, p. 97-124, 2016.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Between men**: English Literature and male homosocial desire. Nova York: Columbia University Press, 1985.

TREVISAN, João Silvério. **Em nome do desejo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

* Artigo recebido em 2 de agosto de 2022,
aprovado em 4 de julho de 2023.